

O psicanalista e a adolescência

ABRAHAM TURKENICZ*

RESUMO- Membros de gerações diferentes, o autor/psicanalista revisita a adolescência e se debruça sobre o psiquismo deste particular momento da vida. São revisões/reelaborações da vida infantil onde se destacam as mudanças do desejo infantil, da autoridade moral infantil e do narcisismo infantil.

PALAVRAS-CHAVE - Psicanalista. Adolescência. Adolescente.

The Psychoanalyst and Adolescence

ABSTRACT- Members of different generations, the author/psychoanalyst revisits adolescence and looks over the psychic life of this particular moment. Revisions of infantile life that highlights changes in infantile desire, in infantil moral authority and in infantile narcissism.

KEYWORDS - Psychoanalyst. Adolescence. Teenager.

O olhar do psicanalista sobre a adolescência é o de alguém que pode evocá-la, como experiência própria, na condição de passado. Membros de gerações diferentes, o intercâmbio entre eles – analista e adolescente – precisa estar entre o possível, o permitido e o viável. Tanto a adolescência quanto o analista a que me refiro habitam uma fração urbana do mundo ocidental. Pessoalmente, encontro na minha adolescência um período enriquecedor, não isento de turbulências e sofrimentos, mas predominantemente rico e fecundo. Não me incluo, portanto, entre as vítimas da adolescência, situações a que me referirei mais adiante. Alguns arranhões e uma que outra cicatriz – no corpo, nos sonhos e no orgulho – não me impediram de viver com razoável intensidade e desfrute os já vários momentos da vida que vieram depois. Revisitar a adolescência, como faço agora, reúne reflexões sobre o psiquismo neste particular momento de vida assim como me reconecta com significativas experiências pessoais.

A adolescência, devo dizer logo, não surge do nada. Ela tem antecedentes. E nem se desenvolve à margem das intervenções dos adultos próximos e do meio social. Há uma história anterior à adolescência. Uma história, não um destino. Olhada por quem já não se considera adolescente – e há um bom tempo – evoco meus primeiros anos de analista. Muitas das inseguranças e incertezas daquele

* Psicanalista, Professor e Supervisor do CEAPIA.

início de carreira profissional eram dirigidas ao e contidas pela presença, experiência e formulações do supervisor. A intervenção do supervisor permitia identificar conteúdos significativos da sessão que tinha ocorrido. Mas o analista só se encontrará com o paciente na sessão seguinte. Ainda que fossem contribuições valiosas para a compreensão do que ali ocorria, a supervisão estava, em alguma medida, inevitavelmente desatualizada. Percebo que com a adolescência ocorre algo semelhante. Quando somos capazes de compreender/elaborar/descobrir/criar sobre a adolescência, já estaremos diante de outra geração de adolescentes. Haverá que conviver com algum mal-estar da ordem da desatualização. Que ele nos acompanhe, já que inevitável, mas não nos iniba. De outro lado, e para nossa tranquilidade, as características de uma geração de adolescentes comparadas com as imediatamente seguintes costumam guardar um bom número de semelhanças.

Quando começa e quando termina a adolescência? Noutros tempos esses momentos foram estabelecidos com mais precisão do que na atualidade. Devemos inicialmente distinguir puberdade de adolescência. A palavra puberdade se refere a um fenômeno de ordem biológica, qual seja o da maturidade sexual, isto é, o momento em que a fertilização passa a ser possível. Púbis, daí puberdade, refere-se à parte inferior do ventre, coberta por pelos a partir desse momento. Já o termo adolescência é reservado às modificações psíquicas e sociais que ocorrem concomitantemente com as modificações corporais da puberdade. Às vezes mais acelerada, outras mais tardiamente; aqui em sintonia com as transformações corporais, ali em franco desencontro.

Pelo viés da biologia, os humanos somos primatas que nos caracterizamos por partos simples e reiterados, pelo cuidado parental prolongado, pela maturidade sexual tardia e uma vida social multifacetada. O desenvolvimento cerebral empurra a maturidade sexual para a segunda década da vida e, assim, proporciona que a nossa espécie disponha de um longo período de aprendizagem infantil. Até agora se desconhece a que fator atribuir às mudanças hormonais que promovem os eventos fisiológicos da puberdade, quais sejam a aceleração do crescimento dos ossos e músculos, a maturação dos genitais, a aparição das características sexuais secundárias (pelos pubianos, seios, mudança de voz, etc.). Mas sabemos que o empurrão inicial é dado pelo hipotálamo. A partir do estímulo hipotalâmico, o lobo anterior da hipófise põe-se a secretar quatro dos vários outros hormônios oriundos dali, esses quatro diretamente relacionados com as mudanças puberais. Parece ser que o circuito de retroalimentação constituído pelo hipotálamo, a hipófise e as gônadas seria ativado pelo peso e o tamanho do corpo, pelo ritmo metabólico e pela diferenciação cerebral. As evidências externas dessas transformações corporais ocorrem com a menarca na menina e com a primeira ejaculação no menino. Até aqui, a puberdade.

Já a adolescência tem limites mais imprecisos. No Brasil está em vigor, desde 1990, o ***Estatuto da Criança e do Adolescente***, que estabelece que qualquer pessoa, até os 12 anos incompletos de idade é considerada criança e dos 12 aos 18 anos é considerada adolescente. Em algumas circunstâncias excepcionais, segun-

do este estatuto, a adolescência pode estender-se até os 21 anos. Composto de 267 artigos, este documento legal enumera os vários direitos, relaciona as medidas de proteção e dispõe sobre as práticas de atos infracionais dessa população e as medidas previstas para tais atos, entre outras matérias.

Termino de referir-me à versão legal e à versão biológica da adolescência. Daqui em diante farei referência aos aspectos históricos, psíquicos e sociais, emaranhados nesse novelo abundante em sofrimento, tédio e encantamento que é a adolescência. Até a metade do século XX o início da adolescência era considerado simultâneo com a menarca e com a primeira ejaculação, fenômenos fisiológicos que ocorriam entre os 12 e 14 anos aproximadamente. E considerava-se que seu final ocorria entre os 18 e 20 anos de idade. Mais recentemente tem havido uma ampliação desses limites, tanto para antes dos 12 anos como para depois dos 20. Para antes, o padrão estético hegemônico no mundo ocidental sendo um corpo esbelto de adolescente tem motivado crianças bem menores a imitarem essas formas e trejeitos. Tenho observado um encolhimento do tempo de latência, período imediatamente anterior à adolescência. De outro lado, a observação da vida social e a da experiência clínica tem mostrado que essa ampliação pode se estender para vários anos depois daquela idade mencionada no Estatuto da Infância e Adolescência, e ainda com limites difusos. Mais adiante sugerirei alguma hipótese para essa adolescência tardia.

Do ponto de vista psíquico, o enorme interesse do adolescente pelo próprio corpo (longos períodos diante do espelho, inspeção a cada setor do corpo para eliminar imperfeições, identificação dos atributos que favorecem e dos que prejudicam a sedução, etc.) permite que se atualize quanto às modificações corporais que ocorrem na segunda década da vida, enquanto se ocupa deste seu instável cartão de visitas. Há que contar entre os precursores históricos da adolescência, tal como a consideramos atualmente, com Rousseau e seu **“Emílio ou da Educação”**, de 1762, e Stanley Hall, com seu texto **“Adolescência”**, de 1904. Para estes autores, a adolescência é considerada um novo nascimento, capaz de criar um patamar diferente de conciliação entre o interesse pessoal e o dever social. Ênfase a ideia de um novo nascimento por considerá-la vigente nos tempos atuais. Este novo nascimento não deve ser visto como uma recapitulação passiva do passado (infantil) e sim como uma ativa reformulação da infância. Através da adolescência, o passado infantil não se apresenta ao adulto na sua forma original. Desde o início da vida, os dispositivos civilizatórios impõem a cada sujeito um conjunto de renúncias pulsionais. Tanto a imposição destas proibições quanto as reações à restrição de liberdade são eventos que já vinham ocorrendo ao longo da vida infantil. Ganham, é verdade, novas turbulências e reordenamentos na adolescência. O roteiro adolescente pretende que o sujeito assuma aquilo que a sociedade estabelece como virtudes. O manto protetor familiar, que acolhe a abriga a infância, frequentemente torna-se uma camisa de força na adolescência. Parte da legião de abandonos e lutos que a adolescência produz está constituída pelo próprio adolescente, abandonado por pais que o decepcionaram e já não lhe

merecem a mesma admiração, e os pais, abandonados por um filho convencido de que seu futuro deverá ser num lugar diferente da sua família da infância. A decepção com os pais, própria do adolescente, refere-se não só à suposta onipotência dos pais. Além deles não serem onipotentes, também não são oniscientes. Aliás, sequer sábios. Do outro lado, para muitos pais passaram a ser angustiantemente enigmáticos esses jovens seres distantes, silenciosos e monossilábicos. Algumas reações paternas, entre elas a desqualificação dos avanços e conquistas dos filhos, podem contribuir de forma nefasta para a relação entre ambos.

O século XXI tem nos brindado com gerações de jovens onde vigora um apelo endogâmico menor do que nas gerações imediatamente anteriores. Parte disso pode ser atribuído a um maior número de fontes de informação e opinião (mundo tecno-midiático). Parte, a um incremento nos vínculos entre pares. Parte, talvez a principal delas, às modificações dos vínculos familiares originadas pela frequente separação entre os casais das gerações anteriores. Este evento tem valorizado mais o investimento no próprio bem-estar antes que o compromisso com os demais da família. Situação que se encontra em sintonia com uma sociedade que valoriza a individualidade e o êxito pessoal.

Lutos, revisões e aquisições da adolescência

Tomo emprestada uma formulação de Louise Kaplan (2004), cuja referência está na bibliografia ao final, para destacar que, no universo psíquico singular, as grandes revisões da adolescência incluem as mudanças do desejo infantil, da autoridade moral infantil e do narcisismo infantil. Separar estes três âmbitos só faz sentido para poder orientar o pensamento e extrair observações e conhecimentos mais precisos, já que na vida cotidiana esses movimentos ocorrem entrelaçadamente. O desejo infantil deverá modificar-se para incluir a proibição do incesto, com a respectiva mudança dos destinatários do desejo. Este movimento não ocorrerá sem alguma forma de violência. Difícil imaginar que a 'expulsão' do mundo infantil não gere medo, angústia, solidão, tristeza. O apelo à sexualidade genital oriundo das transformações corporais da adolescência aciona as fantasias eróticas da primeira infância e seus objetos incestuosos. A ordem social, não obstante, impede a sua realização, impõe a proibição do incesto e condena a sua violação. O preço do desejo incestuoso será o exílio da comunidade humana e o aprisionamento ao universo endogâmico. Pode-se entender o rechaço às mulheres para vários púberes masculinos no início da adolescência (11-13 anos) como rechaço à mãe da infância. O grande deslocamento desencadeado pela adolescência é o afastamento dos pais como objetos de desejo em cumprimento à proibição do incesto.

Para alguns e/ou algumas adolescentes, as angústias oriundas do desejo incestuoso acionarão defesas como o ascetismo corporal, a transformação do amor em ódio, a postura intransigente, entre outras. Os adolescentes de ambos os

sexos verão facilitado seu empreendimento exogâmico – respeitando a proibição do incesto - ao obter a permissão de poder funcionar genitalmente. Um território de sexualidade habitualmente frequentado pelos adolescentes, sobretudo os do sexo masculino, é o da masturbação. Ela tem sido considerada como uma mistura de fantasia infantil com satisfação real. Esta prática já foi abundantemente condenada ao longo de muitos séculos. A concepção psicanalítica em relação a esta matéria modificou-se. A masturbação adolescente não é vista somente como um sintoma, como nos primeiros tempos da psicanálise, mas vários psicanalistas entre os quais me incluo, ao estudar sobretudo o narcisismo adolescente tendem a considerar a masturbação uma prática predominantemente benéfica ao desenvolvimento do/a adolescente. Não a masturbação compulsiva e nem a masturbação exibicionista, indícios de alguma manifestação patológica. Por outro lado, a proibição ou abstinência da masturbação fala a favor de uma adolescência com fortes componentes de inibição. É bom ter em conta que nem toda a descarga do apetite sexual se dá pela manipulação.

O mundo da internet e das redes sociais facilita o acesso dos adolescentes a informações e conteúdos sem a anuência dos adultos, o que aumenta a autonomia e a independência deles. As tecnologias de informação e comunicação, à disposição de muitos tipos de usuários, entre eles os adolescentes, têm se prestado a vários usos e deformações. Posteriormente farei referência a algumas das deformações. Seus usos mais frequentes entre os adolescentes incluem a possibilidade de expressar opiniões e conhecer opiniões de outros. Isto ocorre em ambiente virtual, em que o sujeito está mais protegido em suas iniciativas, portanto menos inibido, não raras vezes na condição de anônimo. O ciberespaço proporciona que os vínculos possam transitar por um outro suporte, além do corpo. Além disso, a existência de um grande número de informações, representações e demais conteúdos disponíveis na rede virtual e acessível quando demandada amplia o espaço pré-consciente. Navegando na internet não foi difícil me encontrar com a informação de que os adolescentes preferem usar as redes sociais mais para fomentar relações sociais existentes, sobretudo entre grupos de pares, do que para ampliar com novos relacionamentos.

No mundo ocidental, ao longo de vários séculos, o exercício da sexualidade era socialmente legitimado quando ocorria depois do matrimônio. Quando fora do marco matrimonial, era ou francamente condenado ou constrangidamente tolerado, habitualmente dissimulada e mantida na clandestinidade. Mas desde as últimas décadas do século XX, o exercício da sexualidade já não requer a instituição matrimonial e o imperativo da virgindade feminina também foi abandonado no Ocidente. Ainda assim, tornar-se protagonista do universo exogâmico combina angústia narcísica com conquista narcísica. As formas de se exercer a sexualidade entre os adolescentes são variadas. Para alguns, a prática sexual ocorrerá com predomínio pulsional, ou seja, menos elementos fantasmáticos e simbólicos. Para outros, essa prática permitirá reunir fluxos pulsionais e correntes amorosas. Para outros ainda, o caráter recreativo com variação de parceiros será seu maior

atrativo. Nada impede que nestes encontros eróticos, onde participam pelo menos dois, as expectativas de um deles sejam diferentes das do outro. Aliás, esse desencontro de expectativas sequer é patrimônio da adolescência.

Entre as jovens púberes há um esforço – por vezes intenso e dramático – por tornar-se alguém separado da mãe. A prática do ato sexual, para a adolescente do sexo feminino, não necessariamente significa o exercício da genitalidade. Entre as suas fantasias não reveladas está a de tornar-se um símbolo sexual feminino, ou seja, uma figura para ser apreciada e valorizada à distância. Para outras, o medo de perder o companheiro, ou namorado, ou ficante pode fazer com que ela se submeta à demanda sexual do outro. Neste caso, mais objeto para o exercício da sexualidade de outrém do que protagonista de seu desejo. Mesmo tendo acesso à informação de variadas fontes, pode-se observar que uma fantasia nada rara no imaginário das púberes e adolescentes é a de serem penetradas à força, de serem violadas. Fantasia que às vezes expressa um medo real, basta acompanhar os habituais programas de notícias. Outra é a de que seus órgãos sexuais internos sejam rasgados, lastimados ou destruídos durante o coito.

Entre os adolescentes masculinos, as primeiras experiências sexuais costumam estar acompanhadas de medos, sobretudo quanto ao desempenho. A disponibilidade de drogas como o sildenafil e similares, a partir dos anos 1990, tem servido como tranquilizadoras e garantidoras de ereções. Mas seu uso por adolescentes – frequentemente sem disfunção erétil – é mais um testemunho desse medo. Como entre as jovens, também entre os adolescentes masculinos o exercício da sexualidade mediante penetração não significa necessariamente sexualidade genital. Para alguns, o ganho narcísico com a própria performance constitui o tanto de prazer que importa, o outro(a) sendo um mero coadjuvante ou espectador de sua performance. Para adolescentes masculinos e femininas a heterossexualidade não é garantia de maturidade sexual. O que caracteriza a maturidade sexual é a capacidade de amar a si e de amar a outrém. O enamorar-se, para adolescentes de ambos os sexos, tem um grande potencial de amadurecimento (reconhecer o lugar do outro, aproximar erotismo de ternura, sentir-se valorizado, imaginar projetos de futuro, etc.). A experiência amorosa intensa do adolescente (apaixonamento) não encontra paralelo sequer nas mais intensas dessas manifestações na infância já que aqui estão presentes as intensidades eróticas de uma genitalidade não incestuosa. Em tempos atuais, os roteiros da sexualidade abarcam desde um considerável número de adolescentes que admitem fazer sexo sem desejar, passando por aqueles que se lançam em condutas temerárias – viagens com drogas, sexo praticado à exaustão – até clientes eventuais ou contumazes dos mercados de sensações. Muitas destas práticas, mais do que exercitar a genitalidade, constituem tentativas de preencher vazios existenciais. Cabem soluções satisfatórias ou deficitárias tanto em roteiros hetero quanto homossexuais.

A sexualidade está constituída simultaneamente de fontes corporais e da normatização social de cada época. Historicamente se sabe que a adolescência contém uma ameaça potencial às normas sociais que regem o exercício da genitalidade

emergente. As organizações sociais investem pesadamente em filtrar as sensações ligadas à sexualidade de seus traços antissociais. O trânsito do mundo endogâmico ao exogâmico se vê acompanhado de desejos de incidir sobre o mundo em que se vive, tanto em suas dimensões mais próximas quanto nas mais distantes. Convém ter presente que os humanos não nascemos com qualquer sentido moral. Esse sentido é lentamente construído na convivência com as figuras significativas desde a infância, sentido que a adolescência revisa, modifica, conserva e consolida.

*

Como já tinha indicado antes, a autoridade moral infantil também experimenta modificações pelo seu trânsito através da adolescência. Um pouco antes, na latência, o desejo amortecido tinha favorecido o desenvolvimento de habilidades pela a ampliação do repertório cognitivo através de conhecimentos e operações úteis para lidar com a realidade. Rituais e rotinas, com graus variados de componentes compulsivos, são artifícios que tratam de manter contidos os desejos. Assim, na adolescência não só se mobiliza o erotismo represado, mas também se qualificam ainda mais as capacidades de pensar, usar a razão e formular juízos. Essa riqueza intelectual vem frequentemente acompanhada de um forte compromisso ético cuja nostalgia é capaz de ressurgir em tempos posteriores. Assim, tanto as autoridades do ambiente familiar quanto aquelas socialmente constituídas são postas à prova, e nem sempre confirmadas, pelos juízos adolescentes. A lealdade entre os pares costuma ser um território onde se exercitam os valores éticos. É um momento em que os ideais de perfeição ética, comuns na infância, são confirmados e/ou revisados.

Parte dos rituais de passagem do mundo adolescente, num ambiente de autoridades necessariamente periclitantes, se materializa nas transgressões, prática que permite alguma singularidade diante de regras sociais impessoais. Um combustível extra para as transgressões é o aprisionamento ao ninho familiar oriundo do medo que habita os adultos. Mas o roteiro das transgressões não depende só desse combustível. Desconfiar dos adultos e dos caminhos que eles indicam para os adolescentes é situação bastante comum, não raro expressão de uma rebeldia libertária. Mais do que sugestões ou estímulos, as orientações e expectativas dos adultos muitas vezes são percebidas como imposições. A necessidade de diferenciar-se passa por desvencilhar-se dessas amarras estabelecidas por outros. À exceção dos adultos identificados como ideais, sobre os demais recai uma suspeita, uma relação ambivalente e frágil, de opressor ou juiz severo. Alguns adolescentes podem tornar-se prisioneiros da transgressão. Nestas ocasiões, a transgressão tem seu caráter libertário empobrecido. Há, numa certa cultura da juventude desde as últimas décadas do século XX, um ambiente favorecedor pelo qual a diversão só é completa com o descontrole.

As metáforas do mundo infantil (amigo imaginário, objeto transicional, no-vela familiar, etc.) são insuficientes, não raro entraves ao universo adolescente. Aqui se fazem presentes o poeta, o sonhador, o louco, o líder político, o ser do

cosmos, etc. A civilização atual tem dado guarida aos jovens adolescentes de várias maneiras. Entre elas, valores como a inovação e a diversidade. A inovação atribui valor por antecipação ao que surge, algo que não existia. Já a diversidade se ocupa de não excluir, de não desqualificar o diferente. São espaços construídos na vida social que poderão (e deverão) ser ocupados pelas novas gerações. Tem-se reforçado a convicção de que a adolescência é um tempo de ampliar a exploração de sensações, sentimentos, ações e limites da existência. De outro lado, um dos traços sombrios das sociedades atuais é o de desperdiçar a qualidade e o potencial moral dos jovens.

*

Quanto ao narcisismo adolescente é preciso destacar que se trata de um recurso poderoso para impedir as regressões ao passado infantil. A diferença do narcisismo infantil, que habitualmente alimenta o narcisismo dos pais, o narcisismo adolescente não raro conflita com o narcisismo dos pais através de desafios, ameaças, constrangimentos e confrontos. Um importante efeito relacional das transgressões adolescentes é fazer com que os adultos se sintam impotentes. Outras formas de gerar impotência nos pais é a submissão a ideais místicos ou heroicos, podendo chegar a situações sacrificiais. Efeito semelhante é obtido com a passividade hostil e ostensiva do turrão. O reconhecimento da vulnerabilidade dos pais, que costuma ocorrer na adolescência, gera sofrimentos narcísicos em ambos. Mencionei antes alguns de seus efeitos nos filhos. Para alguns pais, é decepcionante que os filhos não retribuam a glória que tiveram ou desejariam ter tido. Essas glórias poderiam alcançar-lhes a perfeição narcisista enquanto pais. Adaptar-se à adolescência de um filho pode gerar embarços para pais e irmãos. Pais que superestimam seus filhos com elogios desproporcionais aos feitos podem facilmente perder credibilidade ante o adolescente, já que este é alguém capaz de avaliar e julgar esses mesmos feitos. A dificuldade de alguns pais em estabelecer limites pode dever-se a temores desses pais de perderem o amor infantil dos filhos. As metáforas da nova geração, com alguma frequência, são objetos de usurpação pela geração anterior. Os sinais externos extravagantes (penteados, adornos corporais, linguagem secreta, roupas pouco comuns, etc.) se destinam a afastar a geração adulta. Algumas vezes é a incompreensão, a perplexidade ou a desesperança dos adultos que criam os rótulos onde se pretende aprisionar o adolescente. Capturado nesses emaranhados intransigentes e abrumadores, o adolescente pode ser vítima de uma amputação da ilusão e/ou da utopia. São movimentos não raro tumultuados para os filhos adolescentes e simultaneamente entristecedores para os pais, agora personagens inadequados que se vêm impregnados de um lugar de obsolescência, com o correspondente impacto narcísico. Defender-se desse destino pode explicar a adolescentização de vários pais.

Na sociedade ocidental atual, onde o corpo adolescente se constitui em ideal estético, adolescentes de ambos os sexos obtêm gratificações narcísicas com os interesses de seus expectadores ao seduzir com olhares e exibição sen-

sual de seus corpos. Os adolescentes de ambos os sexos selecionam, entre as características disponíveis, aquelas que os distinguirão dos demais. Acrescentam-se a isto os prazeres de burlar-se dos que ostentam as características 'antigas' e convencionais. Recriam critérios sobre quais partes do corpo destacar, dissimular, ocultar ou mutilar. Na atualidade a imagem corporal se constitui num capital estético que induz e classifica as relações sociais. As carícias, também conhecidas como jogos sexuais ou preâmbulo do coito, podem gerar satisfação narcísica suficiente a ambos participantes. Elas permitem tanto a gratificação de ser escolhido(a) pelos seus atributos de gênero – assim considerados suficientes e satisfatórios – quanto pela autorização a explorar as zonas de prazer do corpo do(a) outro(a) e gozar da exploração de seu próprio corpo. Nas famílias, os adultos parentais já não detêm a hegemonia da prática da sexualidade na sua plenitude. Em geral, para os pais, a grande angústia em relação ao adolescente é qual será o resultado final de tudo isso. Já na clínica, tendo a considerar que quando estou diante de um adolescente muito suscetível a impactos narcísicos, ao rechaço, ao afastamento da figura cuidadora e às perdas em geral convém pensar na possibilidade de um quadro borderline.

Os avanços adolescentes na direção da maior autonomia ampliam os territórios de liberdade e experimentação. Mover-se nestas latitudes acrescentam novas quantidades de responsabilidade e de solidão. Os silêncios e as distancias estabelecidos pelo adolescente são preenchidos com a fantasia, os desejos e os temores dos pais. É nesse ambiente, às vezes de suspeita e intolerância além de solidão, que ocorre a construção da intimidade do adolescente. Convém poder diferenciar a solidão da independência da solidão do abandono.

As angústias da vida escolar, sobretudo em épocas de promoção, a viagem sem a presença protetora dos pais, as incertezas de aproximar-se e revelar seus sentimentos amorosos a quem deseja, as dúvidas quanto a sentir-se amado(a), as dores dos amigos que decepcionam, a expectativa tensa depois da entrevista para o primeiro trabalho são parte do repertório da solidão da independência. Enriquecida com essas experiências, a autonomia se constitui em fonte inestimável de gratificação narcísica. Já a solidão do abandono ocorre quando se estabelecem distancias e silêncios, constrangimentos ou hostilidades, entre pais e filhos. Alguns exemplos destas situações são aquelas oriundas do exercício autoritário e impositivo dos pais por meio de ameaças e recriminações abertas ou sutis, de comportamentos infantilizados dos pais sobrecarregando os filhos com demandas parentais, de requerer dos filhos que intervenham para dirimir discórdias, hostilidades e desrespeito entre o casal parental. São muitas vezes pais que se tornaram, temporária ou prolongadamente, figuras depauperadas ou claudicantes como portadores de atributos e ancoragens identificatórias. Com isso apressam e intensificam os habituais roteiros de desidealização dos filhos. Variadas formas de solidão do abandono podem se apresentar como explícitas ou dissimuladas. Nem sempre essas fronteiras são muito nítidas, mas o esforço por distingui-las é bastante esclarecedor.

A convivência entre pais e filhos, ainda que às vezes cause entorpecimento ou sobrecarga em uns e outros, pode simultaneamente ser enriquecedora para ambos. Para os pais, por exemplo, quando questionamentos feitos pelo(a) adolescente (“por que renunciaste a este sonho juvenil?”, “por que te acomodaste à monotonia conjugal?”, “por que te tornaste tão egoísta?”, etc.) podem estimular os pais a revisarem seus itinerários de vida, se não se sentirem atacados ou desqualificados, e reconsiderar e não raro retomar possibilidades que já pareciam ter sido extintas.

A elaboração adolescente envolve um certo artesanato - em parte consciente, em parte não - quanto a quais porções da infância conservar e quais descartar já que a referência aos pais vai deixando de ser o centro de sua vida emocional.

Vítimas da adolescência

Constitui-se num dos cenários mais sombrios para adolescentes de ambos os sexos a submissão emocional aos pais. Seja pelo medo aos novos convites à experimentação que têm lugar na adolescência, seja com a cumplicidade dos próprios medos parentais, seja por uma frágil composição narcísica anterior, o efeito que geram é um prolongamento preocupante da condição infantil. Tais inibições podem comprometer a percepção que o adolescente tenha de seus próprios desejos (‘não sei o que eu quero’). Isso não é pouco, já que o reconhecimento dos próprios desejos resgata o sujeito do angustiante estado de dúvida. Alguns destes adolescentes surfam em desejos alheios, seja dos pais, seja dos pares, seja com valores e preceitos veiculados pelas mídias. O reconhecimento do desejo, é verdade, produz alívio a um estado de hesitação titubeante. Ainda que tendo que conviver com a incerteza de não saber se o adolescente será capaz de obter o que deseja, ele pelo menos saberá em que direção investir.

Para algumas meninas, a desidealização da figura materna pode dar lugar a um tal sentimento de abandono e solidão que as lança novamente em direção à proximidade da mãe, onde podem demorar-se. Nos meninos, as lealdades grupais habitualmente preenchem o vazio da desidealização paterna. Mas isso não garante que a relação no grupo não seja de submissão ou idealização de outro líder. Além disso, o isolamento, algo como um déficit de grupalidade, costuma implicar uma versão deficitária de si. Uma mistura nada infrequente de isolamento e inibição pode incluir diminuição de capacidades intelectuais (desconcentração, dificuldade para abstração, incertezas vocacionais, etc.) e/ou manifestar-se através de sintomas corporais (obesidade, anorexia/bulimia, etc.). Acrescidos de alguns fatores aportados pela conflitiva familiar, podemos encontrar-nos com adolescentes suicidas, psicóticos ou adictos. Tentativas de suicídio de adolescentes ocupam lugar significativo nas urgências em psiquiatria. Em vários países, o suicídio é a segunda causa de morte entre os adolescentes, depois dos acidentes de trânsito.

Outras vítimas menos dramáticas da adolescência são aqueles jovens que são réplicas de caricaturas construídas por eles (na fila do filme de sucesso, para o show de rock do grupo preferido, ficar longas horas ao sol para ter o corpo valorizado, os

caçadores de autógrafos de celebridades, etc.). Não falta quem se ocupe de explorar o movimento adolescente de desidealizar seus pais oferecendo-lhes ídolos mais exci-
tantes e/ou perigosos. Alguns se arvoram à condição de falsos profetas que enaltecem a grandiosidade dos jovens, esses “donos do futuro”, e ganham legiões de adeptos.

Sobretudo na população feminina, os imperativos estéticos atuais (magreza e juventude) determinam disciplinas, das dietas às academias e às salas cirúrgicas, para produzir os efeitos estéticos valorizados. Há que reconhecer, por outro lado, que há um culto do imediato e descartável que infantiliza a imaginação, além de transmitir às novas gerações a ideia de que a sociedade não precisa deles. Isto induz os jovens a investirem no presente, desprezando passado e futuro, e privilegiar emoções a sentimentos, sensações a pensamentos. Historicamente, as drogas têm sido usadas pelos humanos para a cura de males físicos e psíquicos, para alcançar estados de consciência que ultrapassem o cotidiano. E a adolescência, ainda que não só ela, pode valer-se desse recurso para ampliar o território das sensações.

A preocupação com os comportamentos antissociais dos adolescentes permeia a sociedade e é fomentada por uma mídia que destaca a incapacidade de controle, a prepotência e as condutas temerárias como típicas dos adolescentes. A deliberada exposição ao risco, própria das condutas temerárias e nada raras na adolescência, muitas vezes não se devem a algum déficit cognitivo ou da avaliação do risco a que o sujeito se expõe. Mais frequente no sexo masculino, num sem número de ocasiões essa exposição deliberada ao risco está determinada pelos juízos que os seus pares farão daquele comportamento, elogiando-o ou criticando-o.

Em algumas famílias, o adolescente é quem expressa, seja na ação, seja através de inibições, os conflitos conjugais e familiares. As reprimendas e desqualificações que fazem os pais aos adolescentes (‘és um desastre’, ‘não serás nada na vida’, etc.) atingem a autoestima dos filhos e geram distancias cada vez maiores. O ciberespaço, por constituir um ambiente facilitador da comunicação, dá guarida a manifestações que vão desde o uso abusivo de dados pessoais em mídias sociais até temores de receber mensagens ofensivas ou ser objeto de perseguição, assédio ou danos à reputação. Rotulado, desqualificado e humilhado pelos adultos, a resposta de muitos adolescentes é tornar-se protagonistas de bullying e/ou cyberbullying.

Hora de concluir

A adolescência oferece aos seus frequentadores uma rica oportunidade de revisar, destruir, reparar, construir e criar a partir do passado, não eliminá-lo. Ela constitui-se numa magnífica ocasião para intervir sobre as marcas infantis de maneira que elas não se tornem destino. Isso não significa que o sujeito não terá outras oportunidades depois. Só que terá menos futuro. Através de novos projetos de vida, entre outras dimensões da experiência, pode-se reconstruir uma nova versão da história infantil.

Algumas recordações do caráter idílico da infância correspondem a frustrações e decepções na adolescência. São acontecimentos que, quando ocorreram,

foram considerados como inócuos e/ou intranscendentes. Os sofrimentos adolescentes (frustrações, lutos, etc.) podem acionar e resgatar recordações. Recordações que, pela elaboração posterior, podem resultar valorizadas ou revalorizadas não só pelas consequências que proporcionaram mas pelo que se desejou que tivessem sido. Mas a via do sofrimento não é a única a produzir tal efeito.

Se o roteiro adolescente implica sofrimento, a evitação ou ausência desse sofrimento não dói menos. Uma parte considerável da atividade adolescente está marcada pelos desprendimentos, lutos e buscas. Nos tempos atuais os mandatos familiares se tornaram mais frágeis, as alternativas de busca se multiplicaram e o futuro ficou mais incerto. Por isso mesmo, as turbulências adolescentes necessitam ainda mais de lugares de repouso: construções sociais e pessoais. À semelhança do bebê, a magnitude dos trabalhos de integração e de amadurecimento pode precisar frequentar estados transitórios de não-existência, uma espécie de descanso para que o psiquismo possa recuperar seu funcionamento pleno. O ambiente virtual também pode tornar-se lugar protegido pelo seu caráter de anonimato e resguardo. Entre as principais vantagens desses momentos e das regressões adolescentes está a possibilidade de um afrouxamento dos controles, uma revisão de seus limites para ampliá-los e estender os espaços de liberdade. Um bom destino para essas regressões/revisões é a elaboração do passado. Na adolescência se amplia a capacidade de pensar, o universo emocional ganha mais e novos matizes, a genitalidade introduz novos sentidos e formas de vínculos, há um acréscimo na capacidade criativa que não raro requer enfrentar-se com o ordenamento da sensatez e uma nova configuração da identidade sexual.

A adolescência cria um novo mapa libidinal e identificatório. Não está demais lembrar que o processo identificatório, tão promovido como próprio da adolescência, já existia antes e seguirá existindo depois dela. O dispositivo identificatório promove um sentimento de continuidade de si. A identidade adolescente é construída e descoberta na relação com pares, namorados, namoradas, grupos e/ou bandos. Roteiros e espaços afetivos capazes de esvaziar a angustiante sensação de impostor de si. Ganha bastante o adolescente que puder contar com um grupo que lhe proporcione um ambiente tranquilizador para suas angústias e lhe permita independência em relação aos pais. O adolescente é habitante de um corpo que experimenta, além das modificações estritamente biológicas, a materialidade por onde circulam significados históricossociais. A adolescência aciona novas potencialidades e sentidos, modifica o território das escolhas objetais além de consolidar e restringir o repertório dos mecanismos de defesa. O adolescente habitualmente se dedica a vários projetos e uma grande parte deles fica inconcluso. Alguns adultos, ao verem frustrarem-se alguns de seus projetos cotidianos, podem retomar projetos adolescentes que ficaram abandonados. Os acasos ou imprevistos que o futuro reserva ao ex-adolescente podem desencadear importantes sentimentos de reconexão de algo (desejos, projetos, etc.) que, tendo ficado adormecido, ainda se mostra capaz de promover alegrias, mesmo que bem mais tarde.

O mundo do esporte oferece ao adolescente um conjunto de operações úteis para o amadurecimento: promove cuidados corporais, aproveita talentos pessoais, estimula a solidariedade com a equipe, técnicos e auxiliares e fomenta o respeito às regras e cuidados com os companheiros da equipe e com os adversários. Também recomenda limites aos excessos corporais para não comprometer o desempenho esportivo, tanto pessoal quanto coletivo. É verdade que cobra o preço da competição, ou seja, gerar perdedores cada vez que gera ganhadores. Esperemos que os perdedores nem por isso tenham que ser excluídos.

A percepção emocional dos adolescentes com os anciãos tem proporcionado contatos afetivamente intensos entre essas idades. Alguns idosos especiais são os avós. Testemunhas da infância dos pais, os avós proporcionam uma versão desidealizada dos pais, em sintonia com o movimento adolescente. A escuta desses jovens frequentemente encontra sabedoria nas manifestações dos idosos e isso leva aos idosos mais conforto e amor à vida.

Entre os adolescentes do sexo masculino que transitam pelo roteiro heterossexual, é habitual que a possibilidade de reconhecer algum encanto numa pessoa do sexo feminino, ocorra quando seus traços masculinos estejam razoavelmente evidentes e confiáveis. Entre as adolescentes em direção à heterossexualidade, um desdobramento frequente da relação mãe-filha se dá quando a adolescente se sente encantada por alguma outra mulher, frequentemente mais velha que a própria adolescente e mais moça que a mãe, que pode ser uma professora, até uma vizinha. Tais encantamentos costumam ser unilaterais. Em caso de separação dos pais poderia ser a nova mulher do pai. O roteiro exogâmico pode encontrar nesse personagem uma alternativa interessante de ampliação de figuras de referência.

Indício de um trânsito saudável pela adolescência ocorre quando o adolescente, que não é quem estabelece as leis, já não depende do juízo alheio para saber o que está bem e o que está mal. A compaixão que o adolescente é capaz de sentir pelos seus pais e a capacidade de perdoá-los por não serem aquilo que se imaginou que fossem é outro sinal de um final maduro da adolescência.

Muitos desses adolescentes vão aprendendo a ser donos dos seus sentimentos, conseguem superar as pequenas e grandes decepções da vida, estão aptos a exercerem uma liberdade moral que amplie suas fronteiras e vão se qualificando para proteger e orientar novas gerações. Alguns indicadores de saúde psíquica em qualquer idade (portanto, também na adolescência) são a capacidade de usar e desfrutar do humor, a possibilidade de recorrer à metáfora e a disponibilidade da imaginação.

A possibilidade que tenha o jovem adulto de dar sustentação emocional a algum outro – ou a algum projeto ou atividade de outro – é um bom indicador do final da adolescência. Também a possibilidade de acolher outros em estado de dependência. Trata-se, aqui, de ocupar um lugar diferente do lugar de filho, lugar conhecido até então. Entre as heranças da adolescência nos deparamos com a construção de um sentido histórico da vida e a noção de que a passagem

do tempo é irreversível. Num mundo povoado de incertezas e de vários roteiros possíveis, a qualidade adolescente valorizada é a sua plasticidade. Tantas são as tarefas que demandam o amadurecimento que pode-se entender que haja quem se tenha demorado nesse momento da sua vida e tratado de prolongá-lo.

Tem sido cada vez mais frequente que os adolescentes se vejam obrigados a lidar com a separação de seus pais. Na família, a separação dos pais nunca é um assunto exclusivamente conjugal. É um evento que modifica os fluxos afetivos na família. Mesmo que inicialmente turbulentas, as separações dos pais podem, *a posteriori* e mediante elaborações, proporcionar que sejam revisados um conjunto de códigos familiares de conduta, valores, padrões afetivos, expectativas e administração de distâncias de forma que se tornem menos aprisionadores. Nos tempos que correm, tende a encontrar os adolescentes mais equipados para compreender e julgar a situação e cada um dos pais.

O dispositivo psicanalítico se propõe a revisar as trajetórias singulares habitadas por perdas, omissões, desperdícios, deslealdades, vacilações, covardias, um sem número de projetos abandonados assim como inclinações inconsistentes e/ou prejudiciais. Revisar, não necessariamente retomar. A análise se dispõe a oferecer ao adolescente uma versão de sua história diferente da versão culpabilizadora, desqualificadora ou estéril que exista. As ferramentas psicanalíticas também podem e devem ser usadas para pôr em questão as porções do socialmente instituído naquilo que tenha de alienante, nefasto, entorpecedor ou aviltante.

Os valores individuais que se incorporaram à cultura ocidental como um ganho – o destino do sujeito já não estava marcado por uma determinação oriunda das gerações passadas – tem se mostrado terra fértil para o narcisismo, para desconfiar de pensamentos e condutas solidárias, para um desapego de vínculos comunitários e/ou coletivos e vêm alimentando o mito da autossuficiência. Esse individualismo tem gerado empobrecimento, seja pela incerteza quanto à sua realização, seja pelo medo ao fracasso. Sacrificam-se, em nome dele, os vínculos de intimidade e as relações de longa duração, com suas respectivas cotas de compromisso. Uma reflexão mais lúcida sobre essa matéria sugere a ideia – delicada, imprecisa, instável – de que o ideal de independência possa dar lugar ao que alguns chamam de dependência sadia, outros de interdependência, condição capaz de abrigar reconhecimento explícito, gratidão, sentido coletivo (ser outro/deixar outro me ser).

Referências

- Estatuto da criança e do Adolescente. Lei Federal n. 8.069 de 13 de julho de 1990. Brasil.
- Kaplan, L.(2004). *Adolescencia. El adiós a la infancia*. Buenos Aires: Paidós. Trad. Gloria G. M. de Vitale.(livro original publicado em 1984).
- Rother Horstein, M. C. (2008) (Org). *Adolescencias: trayectorias turbulentas*. Buenos Aires: Paidós